



Sociedade Brasileira de Estudos  
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira  
de Iniciação Científica em  
Comunicação Social*

---

## IMIGRANTES JAPONESES NO ESPÍRITO SANTO E A MÍDIA CAPIXABA

ANDREIA FOEGER<sup>1</sup>; MARIA CRISTINA DADALTO<sup>2</sup>

CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA (UVV)

**Resumo:** O presente artigo traz reflexões acerca do processo de imigração japonesa para o Espírito Santo. Reflete, por meio da hipótese da *agenda-setting*, sobre como a mídia local, em suas edições, faz referência a essa etnia. Utiliza o método de história oral, realizado por meio de entrevistas com imigrantes e descendentes da etnia japonesa, membros da Associação Nikkei de Vitória. Analisa as publicações dos jornais A Gazeta e A Tribuna, entre os meses julho e outubro de 2009.

**Palavras-chave:** japoneses, mídia e *agenda-setting*.

### 1. A imigração japonesa para o Brasil

O século XIX marca o início do fluxo emigratório no Japão. Até esse período, o movimento de pessoas que se dirigiam ao exterior era rigorosamente controlado, em função de uma política de isolamento imposta por Shogunato Meiji, que impedia a saída da população nativa. Assim, com a Reestruturação Meiji, em 1868, e a adoção de novas normas de conduta, o Japão enfrentou grave crise socioeconômica no campo. Esse processo desencadeou, por um lado, reformas fiscais e forte pressão populacional; por outro, gerou medidas repressivas contra a prática do aborto e do infanticídio, adotadas pelos novos governantes. Tais fatos impulsionaram o governo nipônico a oferecer à população possibilidades de emigração.

Segundo Leão (1989, p.8), o primeiro país da América Latina a receber imigrantes japoneses foi o Peru. Contudo, passado algum tempo, houve a ampliação desse processo para

---

<sup>1</sup> Estudante de Comunicação Social/Jornalismo, do Centro Universitário Vila Velha (UVV). Bolsista no Projeto de Pesquisa “Imigração, movimentos Sociais e Mídia”. Endereço eletrônico: [andreafoeger@hotmail.com](mailto:andreafoeger@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro Universitário Vila Velha. Endereço eletrônico: [cristinadadalto@hotmail.com](mailto:cristinadadalto@hotmail.com)



---

outras nações. O Brasil foi o principal espaço de fixação desses imigrantes, especialmente a partir de 1924, quando surgiram barreiras ao ingresso japonês em território norte-americano.

A imigração nipônica para o Brasil teve início em 1808, mas evoluiu de forma irregular até os primeiros anos da década de 1920 (LEÃO, 1989, p.8). Em 1925, sob o custeio do governo japonês, o fluxo imigratório ganhou regularidade, provocando números crescentes. Era conveniente ao Brasil importar a mão-de-obra japonesa, visto que, dada a elevação dos preços do café no mercado internacional, os cafeicultores paulistas expandiam suas lavouras, necessitando, assim, de pessoas que pudessem nelas trabalhar.

O Brasil tornava-se destino interessante para a população, uma vez que, nesse período, começavam a surgir fortes restrições à imigração nos Estados Unidos e Canadá, até então, principais destinos dos nipônicos. Desse modo, em 1908, 781 imigrantes japoneses desembarcaram no Porto de Santos: todos eles, passageiros do navio Kosato Maru (SAKURAI, 1998). Para aquelas centenas de desbravadores, o destino prioritário era o das fazendas de café, do oeste paulista. Assim, a partir de então, aproximadamente 234.000 imigrantes fixaram-se em diversas regiões do país, concentrando-se, principalmente, nos estados de São Paulo e Paraná.

A adaptação dos primeiros imigrantes japoneses em terras brasileiras se deu de forma muito difícil. Assim como no contexto da imigração européia, os nipônicos, em sua maioria, imigraram com o sonho de enriquecer na América. Mas, as condições de trabalho aqui encontradas não corresponderam às expectativas:

Nas levas iniciais produziu-se formidável descompasso entre as expectativas dos imigrantes, movidos por ilusões de enriquecimento rápido e a realidade da lavoura cafeeira, onde era magra a remuneração, precárias as condições de vida e semi-servil o regime de trabalho. (LEÃO, 1989, p.28)



Além dos sonhos desfeitos, os japoneses sofreram forte choque cultural e precisavam enfrentar a hostilidade dos brasileiros quanto à imigração. Segundo Leão (1989, p.37), uma pesquisa opinativa, sobre a imigração em geral, foi lançada pela Sociedade Nacional de Agricultura, em 1926. Foram distribuídos seis mil questionários em todo o território brasileiro, entre associações rurais e comerciais. Do total, apenas 166 respostas foram recebidas, admitindo a conveniência e a continuidade da imigração amarela. A resistência dos brasileiros acarretou elevado índice de abandono das fazendas, antes mesmo de concluído o prazo contratual dos imigrantes.

A fase mais expressiva no processo de imigração japonesa para o Brasil se concentrou no período compreendido entre os anos de 1924 e 1941. À época, os subsídios oferecidos pelo governo do Japão propiciaram não só a vinda de novos imigrantes, como também, acarretaram o aumento nas redes de parentes e vizinhos, vindos de diversas regiões do país, como Kogoshima, Kumamoto e Okinawa (SAKURAI, 1998).

Os japoneses seguiam, dessa maneira, os roteiros das utopias que, segundo Ernst Bloch (2005), são princípios latentes de esperança, que se manifestam em determinadas épocas históricas. Assim, a esperança está em constante movimento, projetando-se no futuro, onde se localiza o desejo. Nessa perspectiva, pode-se analisar a projeção da força do sonho desses imigrantes, enquanto representação relevante da crença de se construir uma nova vida “além-mar”, em um Novo Mundo. Esse sonho, potencializado por um tempo de transformações socioeconômicas, impulsionou levas de homens e mulheres a ultrapassarem tão longa distância, em direção “a um novo começar”.

Tais pessoas, que viviam no Japão, circundadas por um contexto de pobreza e miséria, confiavam nas terras brasileiras, acreditando que o Brasil seria um mundo de possibilidades, embora incerto e árduo. Sendo assim, o salto de um contexto para o outro só poderia ser dado

---

por uma força “irracional”, já que as informações sobre a nova terra não forneciam garantias necessárias a realização plena da aventura na América.

Entretantes, a partir de 1928, com a instauração da Bratac - Sociedade Colonizadora do Brasil Ltda., o governo japonês passa a subsidiar a fundação de colônias, em São Paulo. Dessa forma, novos imigrantes se transformaram em proprietários. A mesma ação, de suporte aos imigrantes, foi realizada pelo governo nipônico em outros países, mas o Brasil e a Manchúria se destacaram como pontos preferenciais nesse processo. (SAKURAI, 1998).

Havia, entretanto, diferenças de objetivos entre o propósito dos imigrantes e o do governo. Os imigrantes fixados nas colônias desejavam angariar fundos para retornar ao país de origem. Já a meta das companhias de imigração consistia em, apenas, fixá-los na nova terra. O contexto do assentamento dos imigrantes muda a partir do final dos anos 20. A partir de então, dá-se a ascensão social e a mobilidade geográfica dos mesmos. Nessa época, grande parte dos japoneses já havia cumprido o período mínimo de serviço nas fazendas paulistas e buscava novos locais de trabalho.

Além disso, ferrovias foram abertas, com incentivo do governo japonês, para expandir as áreas de exploração cafeeira. Ao saírem das fazendas, inclusive, muitos japoneses foram morar em regiões próximas das ferrovias. Assim, aponta Sakurai

(...) a mobilidade geográfica dos japoneses está diretamente relacionada com a busca dessas oportunidades, incentivadas, orientadas e amparadas por representantes de seu país de origem. (...) A história do povoamento do Estado de São Paulo até os seus limites com Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná está relacionada com a necessidade de expansão das áreas de cultivo do café e das ferrovias. (1995, p.38)

O êxodo das lavouras cafeeiras e a conseqüente busca por novos postos de trabalho possibilitaram a esse grupo a transferência e a fixação em outras áreas do território brasileiro.

---

Os japoneses, então, passaram a residir em novos espaços, promovendo a concentração de imigrantes, nas localidades onde consideravam possível manter as tradições culturais.

### **1.1 Imigrantes japoneses no Espírito Santo**

Os registros quanto à chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Espírito Santo são imprecisos. De acordo com os dados cedidos pela Associação Nikkei de Vitória (ANV), os indícios iniciais da presença desse grupo em terras capixabas remontam ao ano de 1923. Entretanto, a escassez de fontes bibliográficas referentes ao assunto impossibilita a confirmação oficial de tais informações. Não houve, porém, uma imigração direta do Japão para o Espírito Santo, com raras exceções. De modo geral, os imigrantes fixados no estado eram oriundos de outras regiões do Brasil e começaram a chegar massivamente em Vitória a partir de 1970, atraídos, especialmente, pelos grandes empreendimentos industriais. Posteriormente, tais imigrantes vieram a representar parte importante da mão-de-obra do setor siderúrgico capixaba.

Morandi (apud SUDA e SOUZA, 2006, p.73) aponta que, entre os anos de 1970 e 1980, imigrantes japoneses se deslocaram para o estado, motivados pelo surto industrial representado, especialmente, pela Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), que possuía uma empresa japonesa como acionista.

Segundo a Associação Nikkei de Vitória (1998), as dificuldades com a língua portuguesa junto aos problemas vivenciados durante o processo de imigração contribuíram para a formação de uma associação. Nesse sentido, em 1981, foi fundado em Vitória o “Sunday Club”, que tinha como finalidade promover encontros semanais entre os imigrantes japoneses residentes no Espírito Santo. Durante os encontros, os frequentadores tentavam descobrir soluções em conjunto para melhor se adaptarem à língua portuguesa, ao clima e à convivência com os capixabas.



Além da troca de experiências, os integrantes do “Sunday Club”, participavam de atividades diversas, como a troca de “mangás” – histórias japonesas em quadrinhos – dinâmica, até então, inexistente no Brasil. (ASSOCIAÇÃO NIKKEI DE VITÓRIA, 1998). Posteriormente, a organização passou a desenvolver aulas de língua japonesa e atividades culturais esportivas típicas do Japão, destinadas, exclusivamente, aos imigrantes e seus descendentes.

Com o crescimento da população japonesa no estado, os membros que compunham o “Sunday Club” decidiram fundar, em 1984, a Associação Nikkei de Vitória. Mas, a construção da sede própria, localizada atualmente no bairro Mata da Praia, em Vitória, só foi concluída em 1994. Até o fim da década de 1990, a Associação Nikkei de Vitória registrava cerca de 200 famílias japonesas (imigrantes e descendentes) com residência estabelecida no Espírito Santo. Desse número, aproximadamente 150 famílias compunham a associação.

Diferente do “Sunday Club”, cuja integração era restrita a membros de origem japonesa, a Associação Nikkei de Vitória é aberta ao público, de modo que todos podem se tornar sócios. Ela busca contribuir ativamente no processo cultural e social do estado, oferecendo aulas de língua japonesa e atividades culturais ao público local, como o Taiko e Kendo<sup>3</sup>. Além disso, parques de Vitória já possuem áreas dedicadas às atividades típicas da comunidade japonesa. O Parque Pedra da Cebola e a Praça dos Namorados podem figurar como exemplo, pois oferecem, respectivamente, espaços voltados ao Beisebol e ao [Gateball](#).

---

<sup>3</sup> Taiko, literalmente, quer dizer "tambor grande" em japonês, embora exista uma grande diversidade de formas e tamanhos. A palavra Taiko se refere tanto à arte dos tambores japoneses, quanto ao instrumento em si. Kendo é uma arte-marcial japonesa moderna (Gendai Budo), desenvolvida a partir das técnicas tradicionais de combate com espadas dos Samurais do Japão feudal, o Kenjutsu. (Fonte: Associação Nikkei de Vitória).

## 2. A hipótese da agenda-setting

Os estudos acerca da *agenda-setting*<sup>4</sup> foram desenvolvidos pelos pesquisadores norte-americanos Mc Combs & Shaw, em 1972, embora seu conceito fundamental tenha sido expresso, já no ano de 1922, por Walter Lippmann, em sua obra *Public Opinion*. Essa abordagem é baseada na hipótese de que os assuntos discutidos pelas pessoas, em suas conversas diárias, são selecionados a partir do conteúdo veiculado pela mídia.

Segundo Barros Filho (2001, p.169), a linha de pesquisa da *agenda-setting* propõe a “hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá.” A mídia se caracteriza como modificadora da realidade social, definindo, ao público receptor, os assuntos de maior importância, sobre os quais é necessária a frequente atualização de informações.

A hipótese da *agenda-setting* apresentada por McCombs e Shaw (apud TRAQUINA, 2000) tinha como principal objetivo a investigação da capacidade de agendamento da mídia na campanha presidencial dos Estados Unidos, realizada em 1968. Além disso, os pesquisadores buscavam um confronto entre aquilo que os eleitores consideravam como questões-chaves da campanha e o conteúdo expresso pelos veículos de comunicação.

Para McCombs e Shaw, o conceito que irá expressar de forma exata o primeiro estudo empírico da *agenda-setting* foi formulado por Cohen no ano de 1963: “(...) embora a imprensa, na maior parte das vezes, possa não ser bem sucedida ao indicar às pessoas como pensar, é espantosamente eficaz ao dizer aos seus leitores sobre o que pensar (...)” (McCOMBS e SHAW apud TRAQUINA, 2000, p.49).

As discussões sobre a influência da mídia na agenda pública geraram vários estudos, entretanto, nenhum deles conceitualizou o “fator coincidente” como *agenda-setting*. A maior

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

---

parte dessas pesquisas é aplicada em períodos eleitorais, pois, acredita-se que, nessa época, os dados que possibilitam uma análise profunda sobre a influência midiática na opinião pública ganham maior destaque.

Conforme afirma Hohlfeldt (1997, p.43) a *agenda-setting* é baseada em uma hipótese, pois se caracteriza como um sistema aberto, inacabado no qual jamais se pode acrescentar um adjetivo que o distinga como uma falha. Assim, a hipótese é um caminho a ser comprovado, de modo que, se não “der certo”, em determinada situação, seu resultado não poderá invalidar a perspectiva teórica. O mesmo não acontece com a teoria, que se consolida como um sistema fechado, contrário a complementações, pelo qual determinada realidade é traduzida segundo certo modelo.

A fim de compreender as relações entre o público e a mídia, as pesquisas sobre *agenda-setting* envolvem um aspecto que pode ser entendido como agendamento. Segundo a classificação proposta por Barros Filho (2001, p.179) há cinco tipos de “agenda”: a) agenda individual ou intrapessoal - relaciona-se às preocupações sobre questões públicas interiorizadas pelos indivíduos; b) agenda interpessoal - corresponde aos temas mencionados em conversas interpessoais; c) agenda da mídia - relação de temas selecionados pelos veículos de comunicação; d) agenda pública – abrange temas relevantes, estabelecidos pela sociedade; e) agenda institucional - conjunto de temas priorizados pelas instituições.

Os estudos sobre *agenda-setting*, geralmente, abordam a relação entre agenda pública e agenda midiática, pois consideram que os temas elencados pelos veículos de comunicação incluem-se, a médio e longo prazo, nas preocupações públicas. Assim, afirma Hohlfeldt (1997, p.44) que “a agenda da mídia termina por se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social.”



O agendamento midiático pode ser descrito como uma ação interativa. A agenda pública exerce influência sobre a agenda da mídia de forma gradual, viabilizando o surgimento dos critérios de noticiabilidade; enquanto o poder da agenda da mídia sobre a agenda pública se estabelece de forma imediata, especialmente no que se refere à discussão de assuntos sobre os quais o público não possui uma experiência direta

Desta forma, o presente estudo considera que a hipótese da *agenda-setting* pode ser entendida como uma das diversas formas de análise das relações mídia-público. A partir das modificações ocorridas na comunicação e na sociedade, surgem novas alternativas para análise desta relação. Entretanto, a existência de outras linhas investigativas não invalida a relevância pelo aprofundamento das suas características propostas.

## **2.1 Japoneses na mídia capixaba**

Para compreender o modo pelo qual a mídia capixaba, em suas publicações diárias, faz referência aos imigrantes japoneses assentados no estado, realizou-se uma seleção de notícias acerca do assunto. O material selecionado aparece em publicações impressas entre os meses julho e outubro de 2009, todas pertencentes à editoria de Cidades de dois jornais específicos: A Gazeta e A Tribuna, veículos de grande circulação no Espírito Santo. A análise das notícias, entretanto, revelou que, no período selecionado, foram publicadas apenas duas matérias relacionadas aos imigrantes japoneses – ambas retiradas do jornal A Tribuna.

A quase inexistente presença de notícias referentes à imigração japonesa evidencia o caráter esporádico da mídia pela discussão de tal assunto. Essa afirmação se comprova com base no fato de não haver nenhuma publicação sobre o tema, registrada no jornal A Gazeta, durante o período de seleção das notícias. Dessa forma, a análise qualitativa da pesquisa diz respeito à caracterização da notícia e ao agendamento dos assuntos pela mídia. Nessa perspectiva, o presente estudo tomou por base a hipótese da *agenda-setting*.



A partir do aporte teórico da *agenda-setting* e da reduzida quantidade de matérias publicadas sobre imigrantes japoneses, observa-se que a mídia capixaba possui pouca participação no processo de agendamento da população, em assuntos que despertam pouco interesse e necessitam de uma cobertura longa e profunda.

Essa quantidade reduzida de matérias pode indicar, também, dois outros fatores: a pequena participação dos descendentes de japoneses no cotidiano do capixaba, refletida, portanto, no interesse da mídia, bem como, um possível desconhecimento do cotidiano desse grupo na construção da realidade socioeconômica da população por parte dos jornalistas, inclusive.

Desse modo, não se pode esquecer que os veículos de comunicação não se constituem como simples representantes da sociedade. Ao mesmo tempo em que publicam assuntos de interesse social, eles também elencam uma série de interesses empresariais, especialmente capitalistas. Contudo, outros fatores também precisam ser considerados no processo de agendamento de notícias, como a formação intelectual dos jornalistas e toda a “bagagem” cultural que possuem. Além disso, vale lembrar que a opinião pública também participa do processo de agendamento. Já a análise do conteúdo noticioso do referido jornal, possibilitou a verificação das características atribuídas aos imigrantes japoneses pela mídia. Nas duas matérias analisadas, é possível observar a tendência do destaque ao empreendedorismo econômico do grupo. Os jornais em questão enfatizam a prosperidade dos japoneses, após sua fixação no Espírito Santo. Vejamos os seguintes trechos:

“Japoneses investem em pousada” (A TRIBUNA, 16 de agosto de 2009)

“A notícia foi bem recebida por pessoas que *vivem do turismo*, como a empresária *Cecília Nakao*, que tem uma pousada às margens da estrada que será pavimentada, a Villa Januária.” (A TRIBUNA, 29 de agosto de 2009 – *Grifo nosso*)

---

Ao explorar o estilo empreendedor nipônico, a mídia deixa de abordar outras questões, como a história e a cultura do grupo, que poderiam oferecer um conteúdo jornalístico aprofundado. Entretanto, segundo Ferreira (2005, p.4), essas diferentes formas de abordagem dos assuntos pela mídia, podem ser explicadas mediante a imposição do agendamento, que se forma a partir de dois vieses:

1) A "tematização proposta pela mídia", também conhecida como ordem do dia-, consiste nos assuntos discutidos pela mídia, que passam a fazer parte das conversas das pessoas, da agenda pública.

2) A hierarquização dos temas-, assuntos em relevo na agenda da mídia e que assumem destaque, também, na agenda pública.

Compreendendo os vieses que impõem o agendamento midiático, o presente estudo lança três questões, que poderão ser discutidas em trabalhos posteriores: a mídia local conhece a história da imigração japonesa para o Espírito Santo? Até que ponto os jornais capixabas estão preparados para discutir questões referentes ao processo de imigração para o Estado? Que motivo leva à seleção de matérias com vieses econômicos?

Este estudo, no entanto, considera que, a hipótese da *agenda-setting*, por si só, não é capaz de abranger todas as fases que envolvem as relações entre a agenda pública e midiática e a busca do conteúdo informativo. Assim, ao tentarmos abranger todo esse processo, torna-se necessária a utilização de outras teorias, do jornalismo, e até mesmo sociais, que potencializam o contexto de produção informativa e seus desdobramentos.

## **2.2 A história a partir da visão nipônica e a abordagem midiática**

A análise das matérias selecionadas para a realização desta pesquisa, com base na hipótese da *agenda-setting*, mostrou que, em geral, as notícias referentes aos imigrantes japone-



ses estão associadas a características econômicas e empreendedoras, em detrimento de abordagens de cunho histórico e cultural, por exemplo. Assim, busca-se complementar a análise proposta acima, apresentando depoimentos<sup>5</sup> de imigrantes e descendentes japoneses, com residência na Grande Vitória, comparando-os com a abordagem feita pela mídia capixaba.

A mídia retrata o estilo empreendedor do grupo, especialmente através dos investimentos no setor turístico-hoteleiro, dispensando abordagens históricas. Nesse sentido, deixa de apresentar questões relacionadas às dificuldades encontradas por tais imigrantes, ao chegarem ao estado. Em geral, os principais problemas enfrentados pelos japoneses estavam ligados à falta de moradia, como é possível notar no depoimento de M.K.M, de 57 anos:

É que foi feita a propaganda pelo governo japonês de que aqui no Brasil conseguiriam ganhar dinheiro em pouco tempo. E como eles estavam vivendo a crise econômica, então eles resolveram vir para cá. Só que a realidade era bem diferente. Eles não tinham onde morar. Quando chegaram aqui, foram levados para uma fazenda, onde tinham de desmatar para construir o próprio local de moradia.

É interessante observamos o paradoxo existente entre a história desse grupo e o contexto apresentado pelos veículos jornalísticos. Historicamente, os assuntos relacionados à falta de moradia sempre foram uma preocupação para os imigrantes japoneses. Hoje, entretanto, eles oferecem aos turistas, aquilo que lhes faltava quando chegaram ao Brasil: a morada, um lugar de repouso. Contudo, a ênfase no potencial de investimentos do grupo, no setor hoteleiro, dada pelo jornal A Tribuna, associa-se a outra passagem da entrevista realizada com o descendente F.T, de 23 anos, o que denota um estilo peculiar desses imigrantes:

---

<sup>5</sup> Entrevistas realizadas em 2009, para o projeto de pesquisa “Imigração, movimentos sociais e mídia”, financiado pela UVV/FUNADESP. O projeto, com continuidade em 2010, prevê realização de mais entrevistas com moradores das demais regiões da área metropolitana da Grande Vitória. As entrevistas com japoneses e nordestinos ocorreram no período de 10 de maio a 20 de julho, pelas alunas do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Vila Velha, Andreia Foeger e Laila Novaes Santos, responsáveis por projetos de iniciação científica vinculados à pesquisa.

Meus avós vieram, se não me engano, minha avó contou que foi no segundo navio que veio para o Brasil. (...) Só trabalhavam, trabalhavam, trabalhavam e não melhoravam nunca de vida. E também não conseguiam juntar dinheiro para voltar. (...). Daí acabou que, com muito sacrifício, juntaram um pouco de dinheiro e montaram o negócio deles: uma pensão, na qual trabalharam por mais de 20 anos. Depois relaxaram, deu para aposentar e fecharam a pensão.

Prosseguindo com a discussão histórica, pouco abordada pela imprensa local, vale destacar que o desenvolvimento do setor siderúrgico no Espírito Santo, principalmente a partir das décadas de 1970 e 1980, constitui-se como um marco histórico por impulsionar o fluxo desses imigrantes para o estado. Essa fase é apresentada no depoimento de N. K, de 57 anos:

Vim trabalhar para montagem na construção da siderúrgica de Tubarão. (...) em torno da Companhia Siderúrgica de Tubarão vieram vários parceiros nossos e de outros estados como São Paulo e Paraná.

Também Y.S., 73 anos, viúva, teve motivo parecido para se assentar no estado:

Meu marido veio (do Japão) trabalhar com um empreiteiro no Rio de Janeiro. Só que a firma dele faliu, o patrão fugiu para o Japão, e ele ficou tentando fazer algum negócio com a Coreia, mas não deu certo. Aí, ele foi empregado numa firma que faz serviço de importação e exportação, que tinha relação com os japoneses. E essa firma entrou como construtora da CST, então ele veio para cá abrir um escritório.

Os dados coletados por Morandi e apresentados por Suda e Souza (1997, p.73) mostram que o desenvolvimento do setor siderúrgico capixaba foi um dos principais fatores de atração dos imigrantes japoneses para o Espírito Santo, constituindo-se como um marco histórico desse processo. Entretanto, pela análise das matérias apresentadas aqui, percebe-se que tal fato não figura nas veiculações da mídia.

A presença de uma contextualização histórica na mídia capixaba contribuiria para a formação de novos pontos de vista acerca desse assunto, oferecendo uma maior produção bibliográfica local sobre o tema, além de conferir outro caráter ao discurso midiático, deixan-



---

do de apresentar a figura imigrante, apenas, como uma coleção de imagens e sentidos pré-estabelecidos: imigrantes empreendedores alcançando prosperidade econômica.

### **3. Conclusão**

Conforme mostra Leão (1989, p.28) a imigração japonesa para o Brasil se caracteriza como um processo marcado por dificuldades, especialmente com relação às precárias condições de vida. Em relação à imigração nipônica para Espírito Santo, percebe-se que esteve atrelada ao desenvolvimento dos pólos industriais, especialmente siderúrgicos, que começaram a se desenvolver a partir da década de 1970. Entretanto, a presente pesquisa constata que a discussão de fatores históricos não é algo privilegiado pela mídia local. As questões históricas e memoriais não são discutidas, fato que impede, inclusive, a criação de outros pontos de vista, sobre a imagem do imigrante.

O agrupamento em associações ou colônias é uma característica desses imigrantes e facilita o alcance de objetivos comuns. Em função disso, fundou-se a Associação Nikkei de Vitória (ANV), que além de ser a principal entidade representante do grupo no Espírito Santo, surgiu com o intuito de facilitar a adaptação desses imigrantes ao estado, a partir da troca de experiências e ajuda mútua.

Além de compreender o processo de imigração nipônica para o Espírito Santo, a pesquisa buscou compreender a forma pela qual a mídia faz referência a esses imigrantes, em suas edições diárias. Embora o período de seleção das matérias jornalísticas acerca do assunto não tenha sido muito longo (apenas quatro meses), observou-se que esse tema não tem representatividade em termos de importância na mídia capixaba. Tal afirmação pode ser comprovada pelo fato do jornal A Gazeta não ter feito nenhuma menção ao tema, durante o período selecionado para a realização desta pesquisa.



A hipótese da *agenda-setting* serviu como aporte teórico para o presente estudo. A investigação sobre a cobertura jornalística permitiu comprovar que a mídia local pouco influencia no agendamento da população, sobre temas de raro interesse ou que necessitam de um debate longo e aprofundado. Além disso, essa análise possibilitou levantar o questionamento sobre até que ponto a mídia se interessa por esse assunto.

Embora tenham sido publicadas apenas duas matérias durante o período selecionado, foi possível identificar uma imagem positiva desses imigrantes na cobertura midiática. O perfil dos japoneses é estabelecido nos veículos por meio de reportagens, agendadas pelas próprias redações jornalísticas. Além disso, a imagem desses imigrantes está atrelada ao caráter empreendedor que possuem, de modo que os mesmos aparecem citados em matérias que destacam a prosperidade econômica do grupo.

Realizada a pesquisa, foi possível constatar que novas abordagens e formas de agendamentos podem ser realizadas pela mídia, a partir da presença de uma análise histórica e crítica, em suas publicações. Essa discussão pode colaborar para a formação de uma nova imagem da figura imigrante, além de fornecer novas características aos discursos midiáticos atuais.

#### **4. Referências Bibliográficas**

- Associação Nikkei de Vitória. (1984). **Imigrantes japoneses no Espírito Santo**. Vitória: Associação Nikkei de Vitória.
- Associação Nikkei de Vitória. (1998). **Histórico da Associação Nikkei de Vitória**. Vitória: Associação Nikkei de Vitória.
- Associação Nikkei de Vitória. (2009). **Presença de Japoneses e Descendentes no Espírito Santo**. Vitória: Associação Nikkei de Vitória.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.



Sociedade Brasileira de Estudos  
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira  
de Iniciação Científica em  
Comunicação Social*

- 
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Eduerj: Contraponto, 2006. (Volume I e II)
- FERREIRA, Giovandro Marcus. **Uma leitura dos estudos dos efeitos: da era das incertezas e mistérios da recepção**. 2005. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0868-1.pdf>. Acesso em 7 de maio de 2010.
- HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 7, p. 42-51, nov. 1997. Disponível em:  
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/301/232>. Acesso em 11 de maio de 2010.
- LEÃO, Valdemar Carneiro. **A Crise da Imigração Japonesa no Brasil. (1930-1934). Contornos Diplomáticos**. Brasília: 1989. Fundação Alexandre Gusmão. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais
- SAKURAI, Célia. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941**. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Outubro: 1998. Caxambu-MG. Disponível em:  
[www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/sakurai.rtf](http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/sakurai.rtf). Acesso em 10 de maio de 2010.
- SAKURAI, Célia. **Primeiros pólos de imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: 1995. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/27/04celia.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2010.
- SUDA, J. R.; SOUZA, L. **Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na grande Vitória (ES)**. *Psicologia e Sociedade*, Ago 2006, vol.18, nº 2, p.72-80.
- TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2000.